

Ivanildo Almeida

# AVENTUREIROS SELVAGENS

E O TESOURO AMALDICOADO



# Aventureiros selvagens e o tesouro amaldiçoado

por Ivanildo "Zico" Almeida

<b>Sumário</b>	
Introdução	03
Capítulo 1 – A visita à casa da neta	05
Capítulo 2 – A vida na África	07
Capítulo 3 – Vida de escravo	08
Capítulo 4 – Vendido e sem esperança	10
Capítulo 5 – O aventureiro misterioso	11
Capítulo 6 – O grupo de escravos	13
Capítulo 7 – O galeão espanhol e o corsário inglês	15
Capítulo 8 – A proposta	18
Capítulo 9 – Os sobreviventes	21
Capítulo 10 – O comodoro orgulhoso	23
Capítulo 11 – Roubo do mapa do tesouro	24
Capítulo 12 – Os sócios	26
Capítulo 13 – Entrando na selva	26
Capítulo 14 – A ira do oficial Christopher	27
Capítulo 15 – A selva	27
Capítulo 16 – O encontro com os nativos	29
Capítulo 17 – A expedição do comodoro	31
Capítulo 18 – O reencontro	35

# Introdução

Viver é uma aventura. Mesmo que para alguns não pareça, é o que a vida é.

Em nossas jornadas particulares, às vezes, nos deparamos no meio das aventuras de outros personagens. E essas experiências nos transformam.

O senhor Louis nunca pensou que sua aventura particular poderia ter tantas reviravoltas, mas as imprevisibilidades da vida levaram-no ao impetuoso e idealista Martim.

Desse encontro, nasceu a esperança para ambos, e assim deu-se largada a uma nova aventura.

O senhor Louis é um homem idoso de quase 60 anos, cujo andar arrastado e a bengala em uma das mãos em nada lembram o jovem aventureiro que fora no passado.

Hoje ele resolveu visitar sua filha Daisy e ver também sua netinha Agnes, de apenas 10 anos. As duas moram em Liverpool, perto do famoso porto que deu nome à cidade.

Será uma oportunidade de rever o local, por onde décadas antes, ele chegara à Inglaterra. Na época, um lugar em que nunca havia estado e sobre o qual quase nada sabia. E apesar disto viera em busca de uma nova vida, abandonando a antiga, cheia de aventuras, mas também de muito sofrimento.

O encontro com a neta, logo mais, lhe trará a chance de relembrar como a vida é cheia de reviravoltas e como o passado, por já parecer tão distante, com seus fatos narrados por ele, poderia ter ocorrido em uma outra vida.

## Capítulo 1 – A visita à casa da neta

Depois de tanto tempo, aqui estou: de volta a esta casa que um dia foi minha e agora é de minha filha. É uma casa pequena e simples, mas aconchegante. Tudo passa, mas também há o que permaneça.

Toco a campainha e minha filha Daisy aparece. Mesmo eu avisando que vinha, ela não deixa de demonstrar surpresa. É que desta vez cumpro minha promessa.

— Papai, que bom que dessa vez o senhor veio mesmo!

— Eu te disse que vinha, não disse?

— Sei, sei. Mas foi preciso eu falar de Agnes para convencê-lo a vir desta vez. Vamos entrando papai, sinta-se em casa!

— Não diga isso. Onde está minha neta?

— Vou chamá-la.

— Não, não! Deixe-me fazer uma surpresa, deixe-me procurá-la.

Procuro Agnes por todos os cômodos até que só falte o meu local preferido da casa, minha antiga biblioteca, com sua belíssima vista da cidade. Da sacada, vejo de longe o porto de Liverpool. Em toda sua rústica beleza, o porto não para, ao mesmo tempo em que parece imutável, mesmo depois de tanto tempo.

Eu me perco em memórias antigas, que reabrem feridas que nunca cicatrizaram, velhos sentimentos adormecidos, que queria não mais sentir, mas não consigo.

Enquanto estou perdido em minhas velhas lembranças, minha neta entra alegremente em cena.

— Vovô, vovô! O senhor veio!

Ela vem até mim com os braços levantados e o seu abraço é a recompensa depois de uma cansativa viagem.

— Veja, minha neta, que vista maravilhosa temos daqui. Dá até para olhar o porto.

— Vamos lá pra baixo, vovô! Quero te mostrar meus brinquedos.

— Depois, minha netinha, deixe eu ficar um pouco mais aqui. Lá se vão alguns minutos, Agnes não resiste e pergunta:

— Vovô Louis, por que o senhor gosta tanto de olhar para o porto?

— Porque me traz muitas recordações. — respondo.

— A mamãe me falou que o senhor não nasceu aqui, como nós, que veio para a Inglaterra, há muitos anos, de muito longe. Foi por esse porto que o senhor veio?

— Sim, minha netinha. Foi pelo porto de Liverpool que cheguei à Inglaterra, há muito tempo.

— E de onde o senhor veio? Essa parte ela não me contou.

— Acho que ela fez bem em não contar, não é uma história muito bonita.

— Mas agora já sou crescida. O senhor pode contar?

— Quantos anos você tem mesmo? — pergunto.

— Quase 13. — Agnes responde.

Olho para ela, sabia que não tinha nem 12, mas diante de seus olhos tão brilhantes, tão cheios de curiosidade, não resisto e falo:

— Bom, não sei quando voltarei a visitá-las e nem se teria cenário melhor do que este aqui para reviver velhas lembranças. Pegue aquela cadeira ali. Vamos ficar aqui mesmo, de frente para esta janela. O porto, a brisa, junto com esta vista, vão reavivar minha memória e eu vou lhe contar uma história.

Agnes então traz com um pouco de dificuldade uma das cadeiras da pequena mesa de estudos da biblioteca, eu me sento

nela e minha neta se senta no tapete. Seus olhos brilham, ela está pronta para ouvir a maior aventura vivida por seu velho avô.

— Mas a história que vou lhe contar não é inteiramente sobre mim. — aviso. — Existe um personagem que teve tanta importância em minha vida, que eu não poderia omiti-lo, ou mesmo diminuir sua parte dentro da minha história, porque sem ele, eu não estaria aqui.

## **Capítulo 2 – A vida na África**

— A minha história começa na África, onde nasci. Nem sempre fui chamado de Louis, na verdade já fui chamado por vários nomes. Primeiro, em minha infância. Ah, minha infância! — suspiro. — Deixe-me rever o que ainda lembro. O meu pai, seu bisavô, era agricultor, como quase todos de nossa aldeia. O nome dele era Azakel e o de minha mãe Luena. Eu tinha três irmãos: Dongo, Luanda e Kindongo. Eu e Dongo éramos os mais velhos, ele com 20 e eu com 17, ou por volta disso. Depois vinham os pequenos Luanda e Kindongo. Nossa casa era bem simples, muito diferente dessa aqui. Nós sempre ajudávamos nossos pais na plantação que tínhamos perto de casa.

“Plantávamos arroz, milho, mas principalmente mandioca. Era uma vida muito difícil, dura, de muito trabalho, mas era tudo o que conhecíamos. Era em algum lugar onde o pessoal daqui chama de Angola.

Morávamos no interior, mas meu pai gostava muito de ir ao litoral. Lembro-me dele ter falado certa vez de uns homens diferentes, em grandes embarcações, usando muitas roupas e cheirando mal. Eram homens de pele branca, que apareciam cada vez com mais frequência no litoral. Eu era criança quando ouvi falar deles pela primeira vez, e fiquei muito curioso a respeito desses homens, alguns de grande estatura, que vinham de longe, nesses barcos enormes. Mas meu pai parecia preocupado, afinal eles vinham para cá para comprar gente e por causa deles, o comércio de pessoas estava aumentando muito.”

— Qual era o seu nome? — Agnes indaga de repente.

— Meu nome?

— Sim, vovô, seu nome. O senhor disse que já teve vários nomes.

— Mwanza.

— Mwanza?

— Sim, Mwanza.

— E como o senhor virou Thomas Louis?

— Bem, é aqui que começa a história.

“Algum tempo depois, nosso povo entrou em conflito com outro povo vizinho, ou ele entrou em conflito com o nosso, isso sempre acontecia, de tempos em tempos. Mas dessa vez foi diferente, porque eles tiveram ajuda, tinham armas de fogo e nós não. Foi um massacre, não tivemos nenhuma chance, nossa aldeia foi saqueada, as casas queimadas, muitos dos nossos mortos e alguns, como eu e Dongo, viraram prisioneiros.

Eu vi o meu pai ser morto na minha frente naquele dia e a nossa casa, onde estavam minha mãe e meus dois irmãos menores, pegar fogo de longe. Nada pude fazer.”

### **Capítulo 3 – Vida de escravo**

“Depois de sermos capturados, fomos levados até um mercado de escravos para sermos vendidos ou trocados por algum objeto. Até aquele momento, tinha a companhia do meu irmão, mas ele logo foi vendido para outro comerciante de escravos e foi levado embora. Eu também fui vendido e marcado pela primeira vez. Ainda sinto a dor daquele primeiro ferro quente no meu peito. Depois fui levado para o litoral e chorei muito, por tudo aquilo. Não compreendia direito o que estava acontecendo, o meu mundo tinha desabado e eu chorava mais ainda quando lembrava do meu irmão, porque sabia que nunca mais o veria novamente.

Fomos postos em fila e caminhamos durante dias até chegar ao litoral. Aquela massa de gente parecia apenas corpos em movimento, pois suas almas não estavam mais ali. Ao nos aproximarmos do litoral, por um instante esqueci de todo sofrimento e fiquei estupefato, admirando aquela imensidão de água que não parecia ter fim. Ao chegar, ficamos em barracões, amontoados, feito gado, à espera de novos compradores.

O cheiro daquele lugar é indescritível. Comíamos e dormíamos ali e era onde fazíamos nossas necessidades também.

Quando o navio que íamos embarcar chegou, demorou alguns dias para atracar, o que me pareceu uma eternidade. A incerteza do destino, corroía-me a alma.

Quando estávamos para embarcar, fomos marcados mais algumas vezes. As marcas eram feitas com ferro quente, no peito ou no braço. Vários deles tinham que segurar a gente, porque ninguém queria e nem aguentava sofrer aquilo.

Depois veio do navio um homem religioso, que nos batizou com novos nomes. A mim, chamou-me Francisco.”

— Mas esse não é o seu nome, vovô. — observou minha netinha.

— A história continua, minha neta.

“Eu e uma multidão de gente faminta e esfarrapada fomos amontoados dentro do navio. Nosso destino era incerto e muitos acreditavam que virariam comida daquela gente branca.

Não encontro palavras para descrever o horror que senti, ao ver o navio zarpar e a terra sumir no horizonte. Eu nunca tinha visto o mar antes, e com passar do tempo, me perguntava se ele teria fim.

Eles colocavam as mulheres no porão na parte da frente e nós, homens, no porão traseiro. A viagem foi longa, durou quase dois meses. Passamos quase todo o tempo acorrentados, amontoados, de modo que só podíamos ficar deitados em um